

# Daniil Trifonov



**10 out 22**

**10 out 22** SEGUNDA 20:00

GRANDE AUDITÓRIO

## **Daniil Trifonov** Piano

### **Piotr Ilitch Tchaikovsky**

*Álbum para as crianças, op. 39*

c. 30 min.

### **Robert Schumann**

Fantasia em Dó maior, op. 17

c. 30 min.

INTERVALO

### **Wolfgang Amadeus Mozart**

Fantasia em Dó menor, K. 475

c. 13 min.

### **Maurice Ravel**

*Gaspard de la nuit*

c. 22 min.

### **Alexander Scriabin**

Sonata para Piano n.º 5,  
em Fá sustenido maior, op. 53

c. 12 min.

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 2h 15 min.

INTERVALO DE 20 MIN.

# Piotr Ilitch Tchaikovsky

(Votkinsk, 1840 - São Petersburgo, 1893)

## Álbum para as crianças, op. 39

—

COMPOSIÇÃO 1878

1. *Oração da manhã*
2. *Manhã de inverno*
3. *O pequeno cavaleiro*
4. *Mãe*
5. *Marcha dos soldados de madeira*
6. *A boneca doente*
7. *O funeral da boneca*
8. *Valsa*
9. *A nova boneca*
10. *Mazurca*
11. *Canção russa*
12. *O tocador de harmónica*
13. *Kamarinskaya* [dança russa]
14. *Polca*
15. *Canção italiana*
16. *Canção francesa antiga*
17. *Canção alemã*
18. *Canção napolitana*
19. *A história da ama*
20. *A feiticeira*
21. *Doce sonho*
22. *Canção da cotovia*
23. *O tocador de realejo*
24. *Na igreja*

O *Álbum para as crianças* é um conjunto de 24 peças simples, destinadas por Tchaikovsky ao seu sobrinho predileto, Volodya<sup>1</sup> Davydov (filho de sua irmã Aleksandra), que era chamado no círculo familiar de “Bobik” e contava então seis anos. Escrito na propriedade na Ucrânia onde a sua irmã vivia (perto de Tcherkassy e do rio Dniepre), data dos meses de abril e maio de 1878, ou seja, logo após o Concerto para Violino, op. 35,

e imediatamente após o regresso de Tchaikovsky da Suíça. Em julho faria uma cópia limpa da partitura e três meses depois a obra apareceria editada como de costume por Jurgenson, de Moscovo, numa edição ilustrada. O *Álbum para as crianças* foi confessadamente modelado do *Álbum para a juventude*, op. 68, de Schumann, datado de 1848 e destinado às filhas. O referente schumanniano é aliás mencionado pelo compositor numa carta endereçada à sua protetora Nadezhda von Meck, onde fala de “provê-las de títulos atraentes, como as de Schumann”.

Trata-se de peças didáticas, destinadas a jovens pianistas principiantes e todas bastante breves: a mais curta (n.º 12) tem apenas 22 compassos e a mais longa (a *Valsa*, n.º 8) não mais que 85. Os títulos são todos eles evocativos do universo infantil, percorrendo, de certo modo, um dia na vida de uma criança daquele tempo, e provendo o conjunto de peças de dança e de melodias tradicionais – russas e de outros países. Neste aspeto, há citações autênticas de melodias tradicionais russas nas peças 11 e 13 e de melodias populares italianas nas 15 e 18, esta uma *Canção napolitana* que Tchaikovsky já utilizara no bailado *O lago dos cisnes* (que estreara em 1877). De notar que, certamente em atenção aos destinatários, apenas oito destas peças estão em tempo rápido (2, 3, 8-10, 11, 13 e 20), as restantes movimentando-s todas entre o *Adagio*, o *Andante* e o *Moderato*. Junto com a coleção *As Estações* (contemporânea de *O lago dos cisnes*), esta é a obra pianística de Tchaikovsky mais frequentada nos dias de hoje.

<sup>1</sup> Diminutivo afetuoso de Vladimir

# Robert Schumann

(Zwickau, 1810 - Eendenich, 1856)

## Fantasia em Dó maior, op. 17

COMPOSIÇÃO 1836

1. *Durchaus phantastisch und leidenschaftlich vorzutragen*  
(Tocar sempre de um modo fantástico e apaixonado)
2. *Mässig. Durchaus energisch*  
(Moderado. Enérgico)
3. *Langsam getragen*  
(Lento e cerimonioso)

Obra-prima do Romantismo musical, a Fantasia, op. 17 data do verão de 1836, período em que Schumann se viu separado da sua amada Clara, por ação do pai desta. Na origem da obra esteve uma angariação de fundos destinados à construção de uma estátua a Beethoven, em Bona. A substância da obra, mormente nos andamentos exteriores, está impregnada do seu amor por Clara e da certeza de que ele prevalecerá. E à luz disso se deve entender a citação beethoveniana que ele inscreve nos andamentos I e III, proveniente do ciclo *À amada distante*, op. 98.

A Fantasia apresenta três andamentos bastante contrastantes. O trecho central sugere uma amplificação dos *scherzi* beethovenianos (sonatas opus. 109 e 110), ao passo que o poético e noturno andamento final remete para o homólogo da op. 109 e para a segunda metade do segundo andamento da op. 111 (embora não esteja

na forma-variação). Mas a “maneira” e a personalidade de Schumann estão por todo o lado. Aliás, é talvez por a Fantasia nos expor de forma tão clara, ininterrupta e intensa a essa “maneira”, a esse génio, que ela é tão admirável. E contivesse um trecho a quintessência schumanniana, então o primeiro andamento seria um sério candidato, a começar pela indicação de carácter inicial – “tocar sempre de um modo fantástico e apaixonado” – que a escrita pianística desse primeiro tema incorpora cabalmente – e o Dó maior “é” Clara (Dó=C). Numa estrutura afim à forma-sonata, este tema terá a companhia da tal citação do *lied* e de um tema indicado “No tom de uma lenda”. Mas a organização será subordinada sempre ao balanço e ímpeto do todo, e sujeita às suas convulsões, arrebatamentos, tumultos e efémeros apaziguamentos.

O andamento central é uma marcha festiva, “sempre enérgico”, em Mi bemol maior (tonalidade da *Eroica* de Beethoven), onde predominam os característicos ritmos pontuados de Schumann, dentro de uma escrita virtuosística. Formalmente, é um andamento muito original, pois combina livremente a forma rondó-sonata e a forma Scherzo-Trio. Para terminar, Schumann escolhe um longo poema noturno, espécie de longo *travelling* pelos interstícios da sua alma criadora e apaixonada, numa original forma que vai variando dois “quadros” apresentados em sucessão, num molde completado por uma Introdução (onde reaparece o tema que retrata Clara da 1.<sup>a</sup> parte da obra) e concluído por uma coda.

# Wolfgang Amadeus Mozart

(Salzburgo, 1756 - Viena, 1791)

## Fantasia em Dó menor, K. 475

—

COMPOSIÇÃO 1785

A Fantasia em Dó menor, K. 475, a última que Mozart destinou ao pianoforte, foi escrita em Viena, a 20 de maio de 1785. Seria editada em dezembro desse ano, em conjunto com a Sonata K. 457 (também em Dó menor), razão pela qual as duas obras ficaram desde então bastante associadas. Como é típico do gênero Fantasia, ela apresenta um número variável de seções encadeadas, amiúde em tonalidades diferenciadas e elas próprias tendendo a ser bastante modulantes, sendo ligadas ou não temática/motivicamente, e tendo ou não recorrências/regressos. Ou seja: pode com frequência ocorrer que o contraste seja o princípio ordenador da obra, dentro de uma atmosfera e arquitetura global que o compositor ache convincente. No interior desta “forma” há depois sempre momentos de *cadenza*, que sugerem improvisação.

Na presente Fantasia, tudo começa com um pòrtico *Adagio*, de caráter grave. Sucede-lhe um tema *cantabile* de singela poesia sobre *basso d'Alberti*. Surge então um *Allegro tempestuoso*, marcado por um *ostinato* de meio-tom em oitavas na mão esquerda, o qual virá a introduzir novo tema, que recebe um tratamento lembrando uma sonata. Um *Andantino* traz um motivo muito desprezioso que restaura a serenidade, mas esta é quebrada por um *Più allegro* com figurações de fusas em ambas as mãos, que termina com o motivo que será o da 5.<sup>a</sup> Sinfonia de Beethoven. Regressa então por fim o “Tempo I” e o mesmo pòrtico inicial, incluindo o arabesco na mão esquerda. A coda faz uma subtil alusão ao tema *cantabile*, antes do gesto final “de efeito” em fusas e semifusas ascendentes.

# Maurice Ravel

(Ciboure, 1875 - Paris, 1937)

## *Gaspard de la nuit*

—

COMPOSIÇÃO 1908

1. *Ondine*
2. *Le gibet*
3. *Scarbo*

*Gaspard de la nuit* é a obra para piano mais complexa e de maior envergadura deixada por Maurice Ravel e, desde a sua estreia, em janeiro de 1909, que vem sendo considerada como um dos pontos culminantes do repertório *virtuose* para este instrumento. Classificada por Ravel como “poemas para piano”, ela retoma a tradição schumanniana de um olhar sonoro sobre uma fonte literária, no caso, a recolha de 65 poemas em prosa de Aloysius Bertrand (1807-41), editada postumamente, em novembro de 1842, com a sua mistura do fantástico, do grotesco, do tenebroso e do alucinatório – na linha de Hoffmann e Poe. “Gaspard” é uma personificação de Satã e o seu nome provém do persa, donde *Gaspard de la nuit* seria algo como “o guarda dos tesouros da noite”. Ravel foi buscar o substrato para *Ondine* ao poema em prosa desse nome, n.º 9 da secção intitulada “A noite e os seus prestígios” ao passo que *Le gibet* e *Scarbo* provêm dos “Paralipomena” dessa 1.ª edição. *Ondine* é uma última exploração

do aquático e dos efeitos aquo-luminosos em música, mas com figurações e modos de execução bastante mais complexos do que, por exemplo, os de *Jeux d'eau*, a começar pelos compassos iniciais, sendo uma das passagens mais traiçoeiras de toda a literatura pianística. Texturalmente, temos as figurações aquáticas servindo de pano de fundo aos sucessivos “cantos da sereia”, que vão do *coquette* e do sedutor até à decepção final: Gaspard não cai na sua “rede”...

A esta volubilidade sucede o mais hierático estatismo: *Le gibet*, ou a descrição em som de um enforcado num patíbulo às portas de uma cidade, ao crepúsculo. Por 153 vezes se ouve um Si bemol, *ostinato* (que Alfred Cortot designava como “ritmo de chumbo”) que sinaliza o repicar de um sino numa paisagem sonora congelada e lunar, que vai sendo pontuada por harmonias que por vezes sugerem jazz... “Assumam a monotonia”, recomendava Ravel. De novo total contraste com um “scherzo” demoníaco chamado *Scarbo*, que descreve um duende que se introduz no quarto do narrador e lhe atormenta o sono. *Scarbo* é como que um estudo-retrato do imprevisível e do repulsivo físico em som, resultando esse quadro numa das peças mais difíceis alguma vez escritas para piano. Escrita entre maio e setembro de 1908, *Gaspard de la nuit* estreou a 9 de janeiro de 1909, na Sala Érard, em Paris, num concerto da Société Nationale de Musique, sendo intérprete Ricardo Viñes.

# Alexander Scriabin

(Moscou, 1872 – Moscou, 1915)

## Sonata para Piano n.º 5, em Fá sustenido maior, op. 53

COMPOSIÇÃO 1907

Concebida improvisadamente na sua integralidade a partir de ideias que remontavam a 1905, a Sonata n.º 5 foi fixada por Scriabin em pauta no espaço de uma semana, em dezembro de 1907, após várias execuções domésticas de ponta a ponta, tal como relatadas por sua mulher. O compositor tinha esta obra em alta consideração e referia-se-lhe como “um grande poema para piano”. Trata-se também da sua primeira sonata num único andamento, formato condensado que manterá doravante. A poética advém-lhe de uma narrativa subjacente que relaciona esta obra com o *Poema do Êxtase*, em pouco anterior à conceção/composição da Sonata n.º 5. Uma citação desse “Poema” encontra-se como exórdio na presente obra, no qual se fala do Eu poético/guia, que vai libertar e dotar de audácia “as forças misteriosas do espírito criador mergulhadas em obscuras profundezas” (tradução livre).

Há, portanto, um percurso das trevas para a luz, do inânime para o vital, do indefinido para o afirmativo, que vai muito ao encontro do teosofismo

de Scriabin. Este plano é concretizado musicalmente dentro dos moldes da clássica forma-sonata bitemática, dotada de um prólogo (que recorre antes do desenvolvimento e no final) e de uma coda alargada, que serve como coroação extática do percurso acima referido. O prólogo tem dois elementos temáticos muito contrastantes, ao passo que na exposição os temas diferem mais pelo seu carácter (um mais luminoso, o outro mais escuro). Novo material sobrevém ainda na *codetta* que fecha a exposição. O desenvolvimento “joga” com todos estes materiais, iniciando aqui o processo de metamorfose dos caracteres em direção a um princípio ativo e impetuoso. Uma *reprise* sintetizada antecede a mencionada coda, na qual todos os materiais “exibem” a sua nova natureza ousada e arrebatada, terminando com um gesto “saindo em voo” para os agudos (derivado do final do 1.º tema do prólogo). A Sonata n.º 5 foi dada à estampa em edição de autor, em Lausanne (onde os Scriabin então viviam), em maio de 1908.

NOTAS DE BERNARDO MARIANO

## Daniil Trifonov

Daniil Trifonov nasceu em 1991, em Nijni Novgorod, na Rússia. Estudou com Tatiana Zelikman na Escola de Música Gnesin, em Moscovo, e com Sergei Babayan no Instituto de Música de Cleveland (EUA). Aos 17 anos foi premiado no Concurso Scriabin, em Moscovo, e no Concurso Internacional de San Marino. Na temporada 2010/11 foi premiado em três dos mais prestigiados concursos internacionais: 3.º Prémio no Concurso Chopin de Varsóvia, 1.º Prémio no Concurso Rubinstein de Telavive e 1.º Prémio e Grande Prémio no Concurso Tchaikovsky de Moscovo. Desde logo, o jovem pianista motivou os maiores elogios da crítica especializada, sendo apontado como um dos grandes talentos da nova geração. Ao longo dos últimos anos, tocou com muitas das mais prestigiadas orquestras mundiais e maestros de renome internacional.

Eleito “Artista do Ano” pela revista *Gramophone* em 2016, Trifonov tem sido protagonista de uma espetacular ascensão no mundo da música clássica como solista, músico de câmara, pianista de *lied*

e compositor. Em 2018 acrescentou à sua considerável lista de distinções um prémio *Grammy* para o “Melhor Álbum Instrumental a Solo”, atribuído ao CD duplo *Transcendental*, dedicado à música de Liszt e editado pela editora Deutsche Grammophon.

Ao longo da temporada 2021/22, Daniil Trifonov continuou a apresentar-se em concertos e recitais por todo o mundo, explorando obras menos conhecidas de compositores russos. Com a Orquestra do Concertgebouw de Amesterdão, sob a direção do maestro finlandês Santtu-Matias Rouvali, interpretou o Concerto para Piano n.º 1 de Alexander Mosolov. Alternando as suas interpretações do Concerto para Piano de Mason Bates, com a Filarmónica de Israel e Lahav Shani, tocou os Concertos para Piano n.º 1 e n.º 2 de Prokofiev e o Concerto para Piano e Orquestra de Cordas de Alfred Schnittke, com a Sinfónica de Montreal e o seu novo diretor musical, Rafael Payare. Tal como na maioria das temporadas, colaborou com o seu professor e mentor Sergei Babayan, apresentando um programa Rachmaninov, a dois pianos, em Florença, Roma, Turim e no Scala de Milão.

MECENAS PRINCIPAL  
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS  
ESTÁGIO GULBENKIAN  
PARA ORQUESTRA



MECENAS  
CONCERTOS PARA  
PIANO E ORQUESTRA



MECENAS  
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS  
CICLO DE PIANO



MECENAS  
ORQUESTRA GULBENKIAN



A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



# Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alterações sem aviso prévio.

De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa é impresso em papéis reciclados e certificados pela Fedrigoni.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO  
Gráfica Maiadouro, S. A

400 Exemplares

PREÇO: 2 €

Lisboa,  
Outubro 2022

